

GUARDA COMPARTILHADA DE CADELAS NUM BAIRRO DE PERIFERIA URBANA DA CIDADE DE PELOTAS

PATRÍCIA SANTOS DA ROSA¹; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH³

¹Universidade Federal de Pelotas – psantosdarosa@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho integra a pesquisa “Guarda Compartilhada de Cadelas Num Bairro de Periferia Urbana: Novos Caminhos na cidade de Pelotas” com vistas à Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia. Objetiva-se discutir a relação entre humanos e animais no “Bairro do Cipó”, periferia urbana de Pelotas onde trabalho como nutricionista, funcionária pública na área da saúde. A denominação “Bairro do Cipó” é fictícia.

Conforme Ingold, “Para nós, que fomos criados no contexto da tradição do pensamento ocidental, os conceitos de “humano” e “animal” parecem cheios de associações, repletos de ambigüidades e sobrecarregados de preconceitos intelectuais e emocionais.” (INGOLD, 1994). A sociedade ocidental tem como tendência pensar em dicotomias, assim temos diversas oposições como corpo e mente, natureza e cultura, razão e instinto, animalidade e humanidade entre outras.

A crise do pensamento ocidental em fins do século XX, nos leva mais além da natureza e da cultura, nos permite pensar em diferentes naturezas e culturas, em clara oposição ao antropocentrismo. Acompanhando Clark, “outras criaturas diferentes biologicamente das humanas podem ser pessoas”, uma visão que pode parecer estranha para nós, mas que, para muitas culturas não-ocidentais, soa mais como uma afirmação do óbvio (HALLOWELL, 1960). (INGOLD, 1994, p.13). Se aceitarmos que outros animais, que não os da espécie humana, podem ser agentes conscientes e dotados de intenção, então devemos também atribuir-lhes poderes pessoais, além dos naturais. Ou seja, somos forçados a reconhecer que eles encarnam atributos de pessoalidade, que são no ocidente comumente identificados com a condição de “humanidade”.

De encontro a isto, Viveiros de Castro (2004), ao realizar etnografias amazônicas percebe uma diferença de grau e não de natureza entre humanos, plantas e animais. Na cultura ameríndia “A condição original comum aos humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade. [...] Os humanos são aqueles que continuaram iguais a si mesmos: os animais são ex-humanos, e não os humanos ex-animais.” (p.230)

Assim, se nossa antropologia popular vê a humanidade como erguida sobre alicerces animais, normalmente ocultos pela cultura — tendo outrora sido ‘completamente’ animais, permanecemos, ‘no fundo’, animais —, o pensamento indígena conclui ao contrário que, tendo outrora sido humanos, os animais e outros seres do cosmos continuam a ser humanos, mesmo que de modo não-evidente. (Viveiros, p.230).

“[...] os animais são com certeza diferentes de nós em sua morfologia e em seu comportamento: contudo, a existência social que eles têm à nossa revelia é idêntica à nossa.” (DESCOLA, p. 28).

O que apresento na minha pesquisa vai de encontro a novas maneiras de se ver e sentir as relações entre humanos e animais. Nesse sentido, trago o modo

como humanos se relacionam com os animais e a partir daí novas relações desenvolvidas entre humanos e entre humanos e animais.

2. METODOLOGIA

De início realizei consulta bibliográfica com a revisão da literatura sobre o tema das relações humanos e animais, um “novo” campo de discussão na Antropologia.

Utilizei o método etnográfico que segundo FONSECA (1999, p.63) “por envolver em geral um número pequeno de informantes e por insistir na importância do contato pessoal do antropólogo com seu “objeto”, o método etnográfico propicia, sim, o estudo da subjetividade”.

Com minha curiosidade e observação sobre os cuidados (ou falta de) com os cães no Bairro do Cipó, passei a realizar observação flutuante, pois trabalho como agente de saúde no local. Depois, passei a agir em relação aos cães, ajudando alguns, dentro do possível com alimentação, castração de fêmeas, consulta veterinária e tratamento de doenças como sarna, miíase (bicheira), foi quando conheci a Valdirene e a Goda. E, desenvolvi a observação participante junto a elas e sua família humana.

A observação flutuante se constitui num grande desafio, pois SIMÕES (2008, p.193-196) nos diz que “Ela não tem endereço, ela não se destina, ela não conhece, nem partilha nada antecipadamente. É um tipo de observação “desendereçada” – mas não desinteressada – e, portanto, capaz de captar a expressão mais etérea do que é o *urbano* E que a “A observação flutuante, por princípio, termina onde começa a observação participante”.

No trabalho etnográfico na etapa da coleta o registro de dados utilizei a técnica do diário de campo. “[...] os escritos do Diário descrevem maneiras de sentir pessoas, lugares, situações e objetos.” BRANDÃO (1982, p.13)

Encontro-me na etapa da análise do material empírico, iniciando a escrita do texto etnográfico a partir da reflexão dos dados etnográficos e teoria.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A situação dos cães no bairro da pesquisa é bastante diversificada. Dentre os cães que tem livre acesso às ruas do Bairro do Cipó alguns estão em situação de abandono, foram deixados por pessoas que vão de carro descartá-los na periferia urbana da cidade ou pelos próprios moradores do local. Os motivos são diversos: doença, pela cadela estar no cio ou grávida ou ainda porque o dono não quer mais o cão, etc. Além destes, há muitos cachorros que tem dono, dormem nos pátios à noite, recebem alimentação e alguns cuidados, mas durante o dia estão na rua, pois tem pátio aberto e não aceitam ficar presos em correntes. Estes cães quando presos nos pátios, latem e incomodam os vizinhos gerando conflito entre o dono e a vizinhança.

É esta situação que trago em meu trabalho com os cuidados que dispensei as cadelas Valdirene e sua filha Goda. Elas possuem “dona”, dormem no pátio, mas não aceitam estarem presas no pátio, dentro de casa, ou eventualmente em coleira. Elas preferem a rua. De acordo com a descrição de WOLF; SPREA (2011, p.124) elas seriam classificadas como “animais semi-domiciliados (aqueles que possuem um responsável, mas continuam com livre acesso à rua)”. Isto é verdade, mas não por falta de interesse da “dona” e sim por “rebeldia”, por elas quererem viver em liberdade, não se sujeitarem de jeito nenhum a estarem presas ou contidas.

Através deste trabalho de pesquisa demonstro um tipo de guarda compartilhada entre uma moradora do Bairro do Cipó - com sua própria noção de cuidados com as cadelas Valdirene e Goda - e uma funcionária pública da área da saúde - que tem como noção e prática o cuidado com os cães determinado pela guarda responsável.

O termo guarda compartilhada é um termo utilizado no direito quando na separação de casais, a guarda dos filhos é compartilhada. Conforme a Agência de Notícias de Direitos Animais-ANDA “considerados por muitos como membros da família, os animais domésticos podem se tornar causas de disputas na Justiça pela guarda em caso de separação de casais.”

Já o uso do termo guarda compartilhada que trago em meu trabalho é diferente, são cuidados dispensados às cadelas por sua “dona” que mora neste bairro de periferia e por mim que me desloco 5 dias na semana até lá para executar trabalhos para humanos no exercício da minha profissão e que dispenso cuidados às cadelas.

Conheci sua “dona” e com o tempo também seus filhos, sobrinha, vizinhas/os, mãe, irmãs. A “dona” dá alguns dos cuidados como alimentação, água, casa e cuidados ao seu alcance quando doentes e é responsável pelas atitudes das cadelas na rua. Eu passei a dar cuidados que considero importantes de uma guarda responsável conforme legislação determinada pelo estado e defendida por protetoras, cuidados que dispenso aos meus animais domésticos, tais como: castração, vermífugo, remédio contra pulgas e carrapatos, vacina anual contra a raiva e vacina contra outras doenças, com carteira de vacinação, consulta com veterinária e tratamento quando doentes.

Além disto, Valdirene e Goda passaram a ser também associadas a mim também pelos outros moradores do Bairro. Tenho com elas uma relação de afeto e contato diário pois frequentam o pátio do meu local de trabalho, o que aumenta minha responsabilidade. O afeto foi desenvolvido apenas após a confiança das cadelas por mim ser totalmente estabelecida.

Estes cuidados dispensados visam ao controle populacional de cães e gatos e combater as doenças chamadas de zoonoses. O município de Pelotas possui a LEI MUNICIPAL Nº 5086, de 17 de novembro de 2004 que “dispõe sobre o controle das populações de cães e gatos, bem como, sobre a prevenção e controle de zoonoses no município. Na legislação também há o controle dos animais não andarem soltos. Por várias vezes eu e a “dona” buscamos controlar o acesso à rua de Valdirene e Goda. Uma das providências tomadas foi o fechamento do pátio nos fundos da casa, mas elas destruíram o portão para andarem soltas na rua.

AS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL no site NUBR conceitua zoonose como “doenças que os animais vertebrados, como o boi ou o cachorro, que podem transmitir naturalmente para o homem. Dos 1.415 organismos e agentes causadores de infecções entre os humanos, 61% podem chegar ao nosso organismo por esses animais.”

Esta situação de cão ter “dono” e estar na rua é conflituosa, pois para muitos e conforme a lei municipal ela é contrária ao que se considera de “cuidado” ao animal, a chamada posse ou guarda responsável.

4. CONCLUSÕES

A inovação deste trabalho de pesquisa é mostrar que há uma relação de guarda compartilhada que se baseia em noções de cuidado diferenciados coexistindo distintas concepções da relação entre humanos e animais.

Anteriormente, tinha a percepção da falta de cuidado da “dona” da Valdirene e da Goda, o que se altera diante da experiência de guarda compartilhada. Afetos e responsabilidades são trocados. Minhas relações com o Bairro se ampliou por intermédio da Valdirene e da Goda e da sua família humana no Bairro do Cipó, em Pelotas.

A partir desta experiência passei a me locomover mais para fora do meu local de trabalho, dentro dos limites de trajeto entre este e a residência da “dona”. A partir dali, passei a me relacionar mais com os residentes destas áreas e pessoas que as vendo comigo vem conversar sobre as cadelas e suas atitudes, sobre o funcionamento e reclamações do local onde trabalho e contar suas histórias com seus animais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência de Notícias de Direitos Animais - ANDA. Separação faz casais irem à justiça por guarda e pensão de animais domésticos. Disponível em: <https://anda.jusbrasil.com.br/noticias/100597094/separacao-faz-casais-irem-a-justica-por-guarda-e-pensao-de-animais-domesticos?ref=amp>. Acesso em: 30 ago. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Diário de campo*. A antropologia como alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DESCOLA, Philippe. Estutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana* 4(1);23-45,1998.

FOLADORI, Guillermo; TAKS, Javier. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. **Mana**, v. 10, n. 2, p. 323-348, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v10n2/25163.pdf>. Acesso : 27 nov. 2017.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n.10, p.58-78, 1999.

INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. 1994. Disponível em: http://www.biolingua.com/ling_cog_cult/ingold_1994_humanidade_animalidad_e.pdf. Acesso: 08 set. 2018.

INGOLD, Tim. Introdução a O que é um animal? Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia – Niterói, EdUFF, n. 22, p.129-150, 1º Semestre de 2007.

Lei 5086, de 17 de novembro de 2004. Dispõe sobre o controle das populações de cães e gatos, bem como sobre a prevenção e controle de zoonoses no município de Pelotas, e dá outras providências. Online. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/>> Acesso: 29 jul. 2018.

Organizações Unidas do Brasil - ONR. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mais-de-60-dos-organismos-causadores-de-doencas-chegam-aos-humanos-por-animais-vertebrados/> Acesso: 26 ago. 2018.

SIMÕES, Soraya Silveira. Observação flutuante: uma observação “desendereçada”. *Antropolítica*, Niterói, n.25, p.193-196, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **O que nos faz pensar**, n. 18, p. 225-254, 2004. Disponível em: <https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/10/82791467-eduardo-viveiros-de-castro-perspectivismo-e-multinaturalismo-na-america-indigena.pdf>.

WOLFF, Flávia de Mello; SPREA, Gisele. Manejo das populações de cães e gatos em áreas urbanas. **Manual de Zoonoses**. Volume II – 1ª Edição, 2011. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ccz/material-para-estudo/manuais/>. Acesso: 29 jul.2018.